

DEMANDA POPULAR:

DE QUE FORMA BEYONCÉ UTILIZOU-SE DA SEMIÓTICA SOCIAL EM “FORMATION” PARA A PROMOÇÃO DE LUTAS ANTIRRACISTAS E A FAVOR DA EQUIDADE DE GÊNERO?

THE POPULAR DEMAND: HOW DID BEYONCÉ USE SOCIAL SEMIOTICS IN "FORMATION" TO PROMOTE ANTI-RACIST STRUGGLES AND IN FAVOR OF GENDER EQUALITY?

Kássyus Kley Augusto de Farias Oliveira¹

RESUMO

Nesta pesquisa, apresenta-se uma análise crítica do videoclipe "Formation" (2016), da cantora norte-americana Beyoncé. Tendo por objetivo entender de que maneira a artista utilizou-se de semióticas no videoclipe a fim de fazer seu público compreender movimentos políticos como Mulherismo, Racismo Estrutural e Patriarcado. Patrícia Collins (2014), Zaíra dos Santos e Sônia Pimenta (2017), com ênfase nos anos de 2014 a 2023, nos ajudam a entender melhor essas dinâmicas da comunicação que integram os signos, aprofundando-se no campo da Semiótica Social, que será o manifesto mais preciso de como é possível que haja tantas maneiras do “emissor” criar significados e passá-los ao “receptor”. As conclusões do presente artigo ambicionam que seja possível exercitar no leitor uma visão de mundo mais crítica, isso é, entendendo que a reparação histórica das temáticas que aqui serão citadas se inicia com o seu entendimento. Mostrando na prática que conteúdos artísticos não são meramente decorativos ou formas de entretenimento, mas que podem ser poderosos de espelhos da realidade.

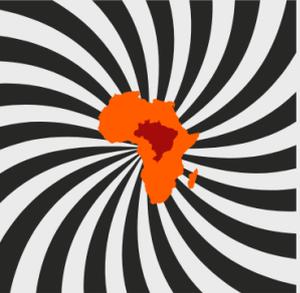
PALAVRAS-CHAVE: Semiótica Social. Linguagem. Música. Mulherismo. Negritude.

ABSTRACT

In this research, there will be a critical analysis of the music video "Formation" (2016), by the American singer Beyoncé. Aiming to understand how the artist used semiotics in the music video in order to make her audience understand political movements such as Womanism, Structural Racism and Patriarchy. Patrícia Collins, Zaíra dos Santos and Sônia Pimenta, with emphasis on the years 2014 to 2023, help us to better understand these dynamics of communication that integrate signs, delving into the field of Social Semiotics, which will be the most accurate manifesto of how it is possible that there are so many ways for the "sender" to create meanings and pass them on to the "receiver." The conclusions of this article aim to make it possible to exercise in the reader a more critical view of the world, that is, understanding that the historical reparation of the themes that will be mentioned here begins with their understanding. Showing in practice that artistic content is not merely decorative or a form of entertainment, but that it can be powerful mirrors of reality.

KEYWORDS: Social Semiotics. Language. Music. Womanism. Blackness.

¹ Discente de graduação em Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: kassyus.augusto@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

Toda a repercussão do projeto dirigido e interpretado por Beyoncé Giselle Knowles-Carter, cantora, bailarina, empresária e compositora Norte-americana (41 anos de idade), obteve tal patamar de visibilidade a partir de suas temáticas duramente críticas e pela forma como surtiu efeito ao público, deixando grande número de fãs e depreciadores de seu trabalho surpreendidos com tantos debates políticos ali presentes, desde o Mulherismo², o empoderamento feminino negro até pautas como o Racismo Estrutural, também citado por Patrícia Collins em seu artigo. O que se identifica, em geral, é um fenômeno que precisa ser pesquisado para uma maior compreensão das dinâmicas sociais que ocorrem dentro da indústria musical.

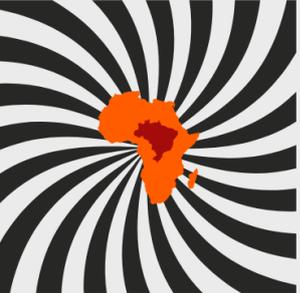
Introdutoriamente, é preciso compreender os métodos adotados por Beyoncé no videoclipe “Formation” (2016) – “formação”, no português –, nos valendo primeiramente da análise e aspectos de suas temáticas para depois lincar as estratégias de linguagem usadas para que seu conteúdo pudesse alcançar diferentes públicos, com rápido acesso, como é comum e esperado na era digital que a sociedade se encontra.

Entretanto, é válido lembrar que mesmo diante dos modelos visuais adotados nas meticulosas criações da cantora, a iniciativa arriscada e revolucionária não se absteve integralmente, do período no qual ela estava inserida, para blindá-la das mãos do Racismo e Patriarcado que influenciam poderosamente na indústria musical. Como o público receberá tanto Beyoncé, quanto suas criações, se tornou o maior objetivo do projeto, ambicionando que seu lirismo fosse capaz de nortear o pensamento crítico sobre a realidade sócio-histórica e cultural (Santiago, 2023).

Elucidar as conclusões e salientar a forma inteligente como a cantora utilizou para compartilhar suas críticas a respeito do universo predominantemente segregado por questões de raça e gênero que se materializam em uma linguagem instrumentalizada para oprimir, será, portanto, o ponto de partida do presente estudo, focando nos detalhes que a comunicação audiovisual possui e em quais vertentes ela manifestou na obra em questão.

A metodologia usada desenha uma breve linha temporal do que motivou a criação do videoclipe, para assim descrever minuciosamente os aspectos visuais do projeto que ressaltam os supracitados temas, assim como os condicionantes semióticos que nos servirão de lente para

² COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso *. *Cadernos Pagu* (51), 2017.



identificá-los. Patrícia Collins (2014), Zaíra dos Santos e Sônia Pimenta (2014; 2017) compõem as bases teóricas que nos ajudarão a caminhar rumo ao objetivo central do estudo, que é observar a atividade dos códigos de comunicação e em que eles estão se refletindo.

2 LUTA POLÍTICA

Dessa forma, surgem no decorrer dos 4 minutos e 47 segundos de vídeo³ a exposição de signos de exemplar ligação aos temas planejados pela direção, como as cenas da inundação, dos momentos que revelam grande poder aquisitivo administrado por mulheres, das dançarinas dentro de uma piscina vazia até chegar ao início da reprodução da letra da música; tudo isso nos apresentando as temáticas de Mulherismo, Patriarcado e Racismo Estrutural. Entenderemos estas temáticas da seguinte maneira: a começar pela compreensão de que enquanto mulher preta, Beyoncé sabe perfeitamente do tipo de efeito que isso irá implicar em suas defesas políticas quando combinadas a sua arte⁴. Portanto, os códigos usados servem de canal para transmitir a mensagem enquanto está tocando nas rádios e sendo assistida via internet.

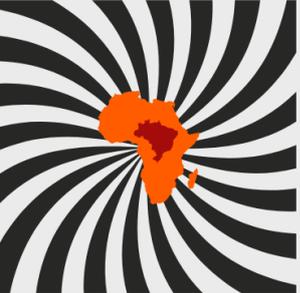
Analisando mais a fundo, ao associar o contexto de negritude na indústria musical, a artista reconhece que para o Capitalismo (Gerder, 2021) suas obras precisarão ser atrativas comercialmente, pois a arte se adapta pelo viés burguês para gerar lucro, logo, a forma que gerará renda às gravadoras e plataformas de streams será selecionada e guiada por óticas machistas e sexistas. Não acontece por acaso, nada é por acaso. A seleção de conteúdos reflete as ideologias e discursos de um tempo, os desejos e fetichismos que determinadas culturas criam e se alimentam, o que significa dizer que independente do que é produzido enquanto caráter artístico, haverá uma seleção pré-determinada do que agrada melhor estes sistemas⁵.

É por este motivo que em um de seus versos Beyoncé sugere que pode fazer a música de seu parceiro tocar no rádio se ela quiser, com a argumentação de que ela “arrasa”, ou seja, ao propor que nada a impedirá de lançar o que ela quiser, se configura uma crítica social. É importante compreender que a busca desenfreada do Patriarcado em hegemonizar as culturas nada mais é do que um movimento de aculturação, que será o apagamento de outras culturas em detrimento de

³ Disponível em: https://youtu.be/WDZJPJV__bQ?si=QDje6xtFiDsOyeq4. Acesso em: 09 ago. 2023.

⁴ O conceito de arte do qual se baseia a pesquisa se configura a partir dos estudos de Claudio F. Costa (2009), em ‘O que é arte?’.

⁵ MATEUS, S. Okay, ladies, now let’s get in formation: o dia em que Beyoncé pautou questões raciais no Super Bowl 50. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Caruaru – PE – 07 a 09/07/2016.



uma única, nos moldando em padrões e costumes que nos são impostos. A partir do conceito de Semiótica Cultural é possível realizar esta leitura do videoclipe (Coimbra; Braga; Cavalcante, 2017).

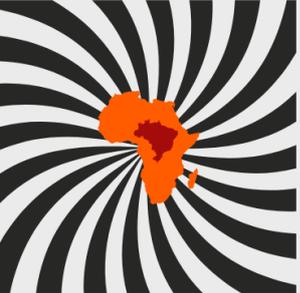
Seguindo tal perspectiva, nos direcionará quase que involuntariamente aos ideais preconceituosos, excludentes, racistas, misóginos e xenofóbicos que as ideologias comandadas por homens representam – neste presente artigo não nos aprofundaremos em tais conceitos estruturais, pois o foco dele está no campo dos signos: ao entender o funcionamento, teremos uma visão mais didática sobre como as críticas sociais surgem.

A questão levantada por Beyoncé é a seguinte: como será possível romper com o Patriarcado – ou até mesmo mostrar na prática como ele age no seu dia a dia e no de muitas outras mulheres, objetivando um cenário de politização – que reprime a liberdade do corpo feminino utilizando-o na prática com o teor de mercadoria, já que ela é lida unicamente como fonte reprodutiva (força de trabalho)? Este questionamento surge com base nos efeitos do Patriarcado sobre os corpos do gênero feminino, conseqüentemente, na leitura desse corpo (Lerner, 2021).

Responder questões tão complexas, segundo a própria artista, começaria por enxergar mais mulheres pretas em destaque na indústria fonográfica, implicando em uma grande demanda por visibilidade e representação. A arte em sua essência possui a capacidade de criar em quem a experiência a qual chamamos de prazer, responsável por elucidar sensações e reflexões que aplicadas de maneira correta podem promover muitas mudanças no meio de quem as consome. A análise trazida por Spartakus elucida muito bem isso, quando a arte pode estar a favor da política, movimentando a criticidade somente ao consultar o material em questão. O pensamento de que isto é possível foi o que a moveu para criar “Formation” (Santiago, 2023).

Para ilustrar melhor esta afirmação, Patrícia Collins (2017) em “O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso*”, reconhece que existe um abismo enorme de diferenças quando pensamos em movimentos sociais a favor da equidade de gênero, pois Feminismo não é o mesmo que Mulherismo: “As mulheres negras são ‘Mulheristas’, enquanto as mulheres brancas são meramente ‘feministas’” (Collins, 2017, p. 07). A pretensão da autora é nos contar as lacunas que o Feminismo branco estadunidense apresenta, pois não abrange as causas e vertentes que mulheres negras e/ou pobres e periféricas irão apresentar.

O “Feminismo” surge a partir de vivências e perspectivas de mulheres brancas e de classe média-alta que não previram que outras realidades se enquadrariam na mesma luta, como os homens pretos também vítimas de Racismo tal quais as mulheres na mesma condição, logo, a busca por “igualdade” de mulheres brancas apaga e inviabiliza outras lutas – a luta antirracista. Entender



estas diferenças são essenciais para movimentar pensamentos mais amplos em comparação à estrutura engessada e fria do Patriarcado. Patrícia (2017) toca nesta ferida ao dizer que a luta política de mulheres pretas precisa ser acompanhada de outras categorias que também sofrem e passam por mazelas.

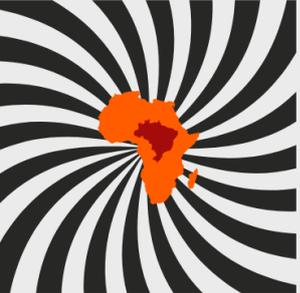
O que se pretende entender por esta estrutura diz respeito a um tipo de sistema pautado pela dominação de gênero, ou seja, desde o processo de colonização em diferentes territórios do globo já se organizava em níveis de poder. Para Gerda Lerner (2021), em “A Criação do Patriarcado”, o surgimento desse tipo de estrutura não teve um momento específico no tempo, mas um processo contínuo, logo, histórico. Muitas questões que dizem respeito ao comportamento humano levam décadas, séculos para se configurarem como padrões comportamentais, por isto são tão complexos de serem refeitos.

Lerner (2021) também expõe que sua origem remota 3100 a.C. até 600 a.C., quando as mulheres recebiam a denominação de serviçais, sendo desumanizadas e recebendo tratamento que as colocavam meramente como uma “ferramenta” reprodutiva, posição esta que se manteve em constância, organizando uma estrutura na qual homens sempre estariam nas melhores posições, isto é, uma posição construída por eles e assim mantida.

A mesma condição se aplica ao Racismo Estrutural. Ele é estrutural por quê? Porque é a base de uma estrutura criada pelo Capitalismo – no sentido de que ele condicionou o comércio de pessoas racializadas a fim de ter outras formas lucrativas – que até o contemporâneo permanece ativa a animalização da existência destas pessoas. Este possível surgimento não é uma coincidência, basta perceber que a estrutura do Racismo por ser um processo histórico desenvolveu no imaginário da sociedade práticas e comportamentos racistas que está incrustada nesta estrutura, tanto que é comum muitos comentários que desumanizam e ridicularizam tais pessoas por serem quem são (Collins, 2017).

Patrícia Collins (2017) associa este tipo de superestrutura como motivo de haver um apartheid⁶ de mulheres pretas da sociedade, tendo por noção suas descrições, como pessoas sem intelecto, beleza e até mesmo como sem qualquer chance de ascensão social – este último se deve ao falso ideal de que são incapazes de superar as “capacidades masculinas” (Collins, 2017, p. 12).

⁶ Regime de segregação pautado por racialidade implementado na África do Sul no ano de 1948 pelo pastor protestante Daniel François Malan. Esse regime delimitava ações de pessoas pretas em relação aos brancos, os considerando indignos de humanidade, o que criou um cenário do qual os mesmos não faziam mais parte da sociedade. (SANTIAGO, Spartakus. O significado de Formation (Beyoncé - Lemonade) | Spartakus Santiago. 1 vídeo (18min). Disponível em: <https://youtu.be/0dUQY3JRy0?si=4acvWDf2vmMeuUYT>. Acesso em: 09 ago. 2023).



Dessa maneira, Beyoncé afina esta visão em sua obra, a perspectiva de que a luta de mulheres negras difere das mulheres brancas em estrutura, e que ao representar o poder de uma mulher preta que possui dinheiro e autoridade para fazer e ditar decisões sobre homens (um jogo inverso), ela mostra ao público que esta luta é sim, possível. Converter a noção errônea de que uma mulher não pode ter independência econômica e familiar ao viver em sociedade, é o foco do projeto tanto da presente pesquisa quanto de “Formation”.

O que se deduz é que ao trazer tantas críticas, a utilização de códigos serviu como chave de acesso para que as mensagens chegassem ao público no espaço de um vídeo curto de internet, daí a grande perspicácia de sua produção direta e potente. No presente artigo foi trazido o contexto social do qual o videoclipe foi produzido. Como foi citado anteriormente, os códigos de comunicação são representações de uma realidade, experiências estudadas ou vividas que dão espaço para a criação da obra. Ao compreendermos quais são os temas-chaves que a cantora utilizou para encenar, os mecanismos modais se sobressaem para nós.

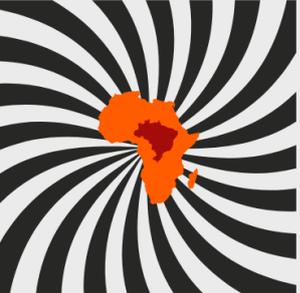
3 CÓDIGOS DE LINGUAGEM

Beyoncé, enquanto artista e mulher preta, sabendo das barreiras que encontraria ao lançar trabalhos anteriores, articula “Formation” com características que são nomeadas de semiótica. A semiótica teve sua fundação teórica pelo historiador cultural Yuri Mikhailovich Lotman, na Escola Semiótica de Tartu-Moscou, segundo Zaíra Santos e Sônia Pimenta (2014). O teórico nos dirá que as semióticas funcionam como códigos e signos que servem para trazer significado a algo maior, como se representassem sua essência externa. A exemplo da Medicina, que em suas origens mais remotas se utilizará dos sintomas de um paciente qualquer (esses serão os signos) para somente então concluir e nomear a doença da qual os sintomas estão compondo (esse seria o fruto das interpretações tiradas de uma análise de significações) (Santos; Pimenta, 2014).

Lotman (2014), posteriormente, percebeu que essa função dos “textos” se aplicava também aos movimentos culturais. É importante destacar que os “textos” funcionam de analogia para abranger todos os aspectos da linguagem como imagens, palavras, sons, movimentos e tudo aquilo que produz e articula a comunicação entre indivíduos.

Seguindo essa mesma linha teórica, Coimbra, Braga e Cavalcante (2017), apontam, também segundo os estudos de Lotman⁷, que dentro do videoclipe encontravam-se mecanismos

⁷ A obra de Lotman que se debruça sobre a Semiótica não foi devidamente referenciada no artigo usado como base.



responsáveis por dialogar diretamente com o telespectador por intermédio do som, ritmo, coreografia e roteiro, “dialogando” no sentido de apresentar as queixas políticas da sociedade que Beyoncé está inserida e é afetada. Diretamente, o resultado disto será a promoção de identificação e debate, mais uma vez, configurando uma comunicação. O mais importante é entender o que estes signos estão querendo nos dizer e, mais ainda, o que eles representam dentro do espaço ali presente, ou seja, “Formation” será nosso “texto” a ser lido. Esta dinâmica é presente em literalmente tudo o que a sociedade utiliza para realizar trocas e interações, pois estamos lidando com o cultural.

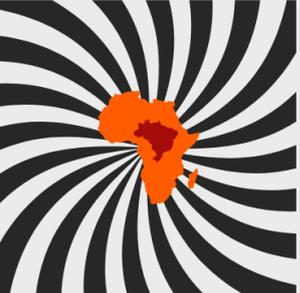
A leitura da realidade parte também, do campo artístico cultural, alguns trabalhos se baseiam intencionando representar uma parte da realidade que seja capaz de transmitir algo a quem observa – o significado é dado. Segundo Claudio Costa, a obra de arte é o que é, porque precisa que seja sobre alguma coisa, que diga alguma coisa, que possua significado, ou seja, conteúdo semântico (Costa, 2009).

Quero começar com a explicação filosófica mais antiga da natureza da arte. Trata-se do representativismo. Segundo essa teoria, a função da arte é representar alguma coisa. Platão e Aristóteles concebiam a arte como *mimese*, palavra que significa imitação, querendo dizer com isso que a arte é imitação da realidade. Assim, a pintura imita a natureza, o drama imita a ação humana (Costa, 2009, p. 195).

A extração deste conceito amplia mais ainda as noções da semiótica e do quanto podemos representar o mundo tangível com numerosos tipos de linguagens. Reforçando, dessa forma, que mesmo diante de produções em telas, mosaicos, esculturas e mais o que for, a escolha em utilizar-se cada elemento carrega um motivo e uma intenção por trás de cada simbolismo. Mais uma vez, eles estão representando o real, a experiência e os anseios por trás de cada emoção (Costa, 2009).

Zaira dos Santos e Sônia Pimenta (2014) se debruçam sobre outro caminho da semiótica, a Semiótica Social, refinando mais ainda até chegar-se em outro conceito, o de Multimodalidade, que serão extraídos dos pesquisadores Hodge Kress (1988) e Van Leeuwen (2006). Ambos os conceitos tratarão a comunicação, isto é, a linguagem, como um processo que depende das dinâmicas culturais e ideológicas nas quais um ser (indivíduo) se localiza. Compreender que pessoas trocam informações com objetivos pré-definidos é um passo muito grande para olhar internamente e decifrar esse mecanismo linguístico.

“O campo da multimodalidade pretende explorar a produção de significados, levando em consideração os vários modos e meios possíveis de significação à disposição dos atores socioculturais” (Santos; Pimenta, 2014, p. 302).



Se tratando de um estilo artístico musical e audiovisual, os desenhos comunicativos são ricos em variações, como afirmam Santos e Pimenta (2014) a partir dos estudos de Kress e Van:

[...] para Kress (2010), vários modos semióticos (linguagem, imagem, música, gestos, arquitetura, dentre outros) que são realizados a partir de várias modalidades sensoriais (visual, auditiva, tátil, olfativa, gustativa e cinética) passam a ser considerados como participantes do denominado fenômeno multimodal (Santos; Pimenta, 2014, p. 302).

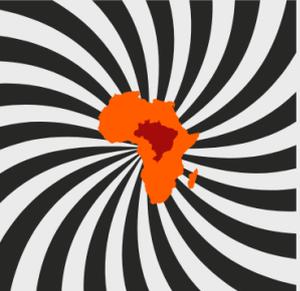
A amplitude da Língua Portuguesa, por exemplo, é tanta que dela pode ser retirada dezenas de interpretações de uma mesma palavra, a partir dela também é permitido que haja variações simbólicas, ou, ainda, com base nela novas podem surgir, enquanto ocorrerem trocas interativas haverá trocas culturais. Dessa forma, a Semiótica Social se enquadra melhor no cenário musical, em sua multimodalidade, como descrevem Zaíra Santos e Sônia Pimenta (2014):

[...] as estruturas visuais assemelham-se às estruturas linguísticas, visto que aquelas também expressam interpretações particulares da experiência, além de se constituírem como formas de interação social. Desse modo, as escolhas de composição de uma imagem também são escolhas de significados: [...] os significados representacionais, os interativos e os composicionais operam simultaneamente em toda imagem, construindo padrões de experiência, interação social e posições ideológicas a partir das escolhas de qual realidade está sendo representada. (Santos; Pimenta, 2014, p. 307-308).

Neste sentido, Zaíra e Sônia (2014) reforçam que “o interesse guia a seleção, ou seja, a escolha de uma representação é pautada por um aspecto suficientemente representativo do objeto em um dado contexto.” (Santos; Pimenta, 2014, p. 301). Desse modo, para falar da obra “Formation”, se mostra importante aplicar-lhe a lente da Semiótica Social, uma vez que a representação da realidade presente nela refletem um recorte, logo, cultural e simbólico.

Retomando as autoras Zaíra Santos e Sônia Pimenta (2014), o entendimento de que a Semiótica Social é aplicada exclusivamente – seguindo a lente investigativa da pesquisa – para desmiuçar comportamentos humanos, norteia e dita como podemos “ler” o trabalho que Beyoncé nos apresenta. Diz-se desta forma pois não abre margens para interpretações contrárias ao que se pretende mostrar neste artigo, de que tudo possui um significado. Nada é usado por acaso:

A Semiótica Social tem a ver com a semiose humana como um fenômeno social em suas origens, funções, contexto e efeitos. Ela abarca “os significados socialmente construídos através de formas semióticas, textos semióticos e práticas semióticas de todos os tipos da sociedade humana em todos os períodos da história humana” (Santos; Pimenta, 2014, p. 298).



A expressão artística que somente a espécie Humana possui, segundo Costa (2009), serve de canalização para as angústias e demais sentimentos. Dessa forma, existir com esta manifestação cultural possui grande importância no processo de autocuidado mental. Ademais, também podem, em outro modelo, ser útil em criticar e expressar quaisquer indignações e dores que a experiência sensorial nos permita sentir. O público que acompanha algum artista ao ver estas representações, pode se identificar com os mesmos sintomas e tomar para si o impulso de criar o mesmo processo – quase como uma mimese – de expor suas reais vidas.

4 FORMAÇÃO

É importante compreender de forma ilustrativa o que se perpassa no cerne do clipe, para isto utilizamos as lentes da Semiótica Social descritas por Zaíra dos Santos e Sônia Pimenta (2014). Reiteramos que tudo é comunicação, o mais simples gesto de expressão faz parte do simbólico e interage com o receptor.

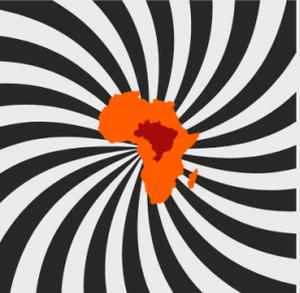
Inicialmente, seguindo a análise de Spartakus (2023), temos cenas de Beyoncé sobre um carro submerso (figura 1) ao fundo de um cenário caótico gerado pelo furacão Katrina na cidade de New Orleans. A inundação devastou milhares de famílias pertencentes às periferias da região. Há, portanto, críticas as condições de moradia que famílias desta região tinham antes da catástrofe, vulneráveis economicamente e sem amparo do Estado, condições estas que não eram vivenciadas por famílias de maior poder aquisitivo das grandes cidades e, não menos importante, não estavam inseridas na categoria de racialidade.

Figura 1 – Beyoncé sobre um carro submerso após os estragos do furacão Katrina



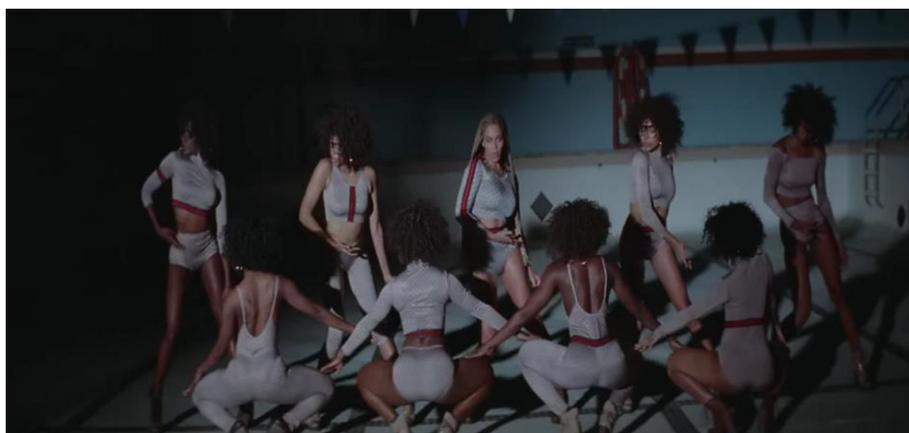
Fonte: Carter, 2016⁸.

⁸ Disponível em: https://youtu.be/WDZJPJV__bQ?si=QDje6xtFiDsOyeq4. Acesso em: 09 ago. 2023.



Mais adiante, provocativamente, a artista surge desfilando em roupas caras pelos arredores de sua cidade, o que nos leva a deduzir que ela se encontra imersa em uma classe social que alto poder aquisitivo. Em seguida, Beyoncé se apresenta dançando com várias mulheres de maneira imponente dentro de uma piscina vazia, referenciando vivências do apartheid (figura 2)⁹. É perceptível que há uma exaltação dos traços de cultura Afro-americana no ato de permitir que os cabelos fiquem soltos, o que mostra o oposto da vergonha imposto pelo racismo ao criar um pensamento idealizado que desmoraliza a negritude, seja traços culturais ou estéticos.

Figura 2 – Mulheres negras dançando em uma piscina vazia



Fonte: Carter, 2016.

Outra cena rica em detalhes, mostra mulheres na que entendemos ser a Casa Grande, decorada com elementos luxuosos e simbólicos pertencentes à estética do Período Colonial (figura 3), traçando uma dialética que acusa a configuração dos padrões de dominação que a história das culturas se manteve viva através do modelo familiar. É necessário salientar que a Casa Branca possuía senhores donos de pessoas escravizadas, fruto de uma herança colonial, logo, a reconfiguração desse momento para uma nova cena, em que uma mulher preta se apresenta como dona desta Casa, demonstra uma criticidade para o fato de que há sim a possibilidade de ascensão para essas comunidades sócio-historicamente marginalizadas.

⁹ A representação mostrada no videoclipe referência o caso de um homem branco despejando ácido em piscina pública para expulsar pessoas pretas que nela estavam, no ano de 1964, nos Estados Unidos. Era comum durante o Apartheid associar a presença de homens pretos com a de estupradores, por isso o medo da população em dividir esses espaços. Ao repetir esses padrões de comportamentos, crianças e outras pessoas mais novas iam reproduzindo e perpassando o ideário racista no decorrer de suas vidas.

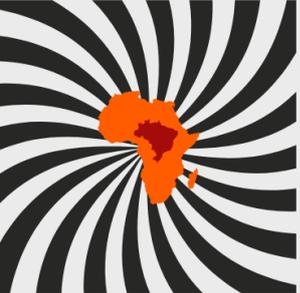


Figura 3 – Mulheres pretas moradoras da Casa Branca



Fonte: Carter, 2016.

Cenas carregadas de simbologia se perpassam, como nos momentos em que a coreografia produz movimentos com os punhos cerrados, para cima e para baixo, demonstrando força e poder. A linguagem corporal funciona como um mecanismo de expressão bastante funcional quando se deseja transmitir sentimentos intensos, neste caso, a mensagem é clara: mulheres também são fortes e podem demonstrar liberdade corpórea. Portanto, como mencionado por Zaíra e Sônia (2014), a dinâmica corporal também é capaz de transmitir todos estes significados ao telespectador, logo, mecanismo linguístico de comunicação.

Por ser um videoclipe musical, a letra que o acompanha é uma vertente da multimodalidade que mais possui signos, narrando, literalmente, as questões mais político-sociais que Beyoncé deseja denunciar. Importante destacar que tanto as imagens quanto a letra da canção irão nos passar mensagens, sendo ela um código de comunicação bastante importante para a compreensão da obra: “Y'all haters corny with that Illuminati mess / Paparazzi, catch my fly and my cocky fresh / I'm so reckless when I rock my Givenchy dress (styling!) / I'm so possessive so I rock his Roc necklaces” (Beyoncé, 2016, faixa 01)¹⁰.

Ao citar constantemente que os inimigos acusam seu sucesso financeiro e artístico como graças a pactos sobrenaturais, Beyoncé zomba dizendo que é devido às práticas Illuminati. Ainda diz que não importa se seu comportamento parecer arrogante às vezes, pois mesmo assim os paparazzis irão atrás dela para fotografá-la e enlouquecer com seus visuais extravagantes e caros

¹⁰ Tradução livre: “Todos vocês invejosos se moendo com esse papo Illuminati / Paparazzi fotografam meu estilo e minha arrogância / Sou tão ousada quando arraso no meu vestido Givenchy (estilo!) / Sou tão possessiva que uso os colares do meu marido”



demais para pessoas comuns usarem. Nada disto representa um acaso, pelo contrário, quando há na indústria fonográfica uma mulher fazer chacota do ambiente predominantemente masculino cis heteronormativo?

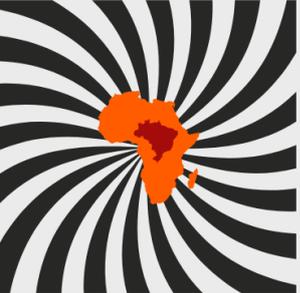
Há, ainda, outro fragmento da letra que representa um sentimento de aceitação com o próprio corpo. É, no mínimo, inspirador para pessoas pretas enxergarem que sua ancestralidade possui importância em relação a outras culturas, quando nos pequenos detalhes é dito – pelo sistema racista – que não representam um espaço de importância. Ainda na letra de “Formation”:
I like my baby hair with baby hair and afros / I like my negro nose with Jackson Five nostrils / Earned all this money, but they never take the country out me / I got hot sauce in my bag, swag¹¹.

Uma das referências usadas no verso citado são do antigo grupo musical Jacksons’s Five (Carter, 2016), que foram ascendendo socialmente e alcançando reconhecimento e tendo suas músicas muito tocadas nas rádios (um feito notável para a época em que viveram, tendo por noção a extrema dificuldade que pessoas negras tinham para receber reconhecimento). Sabendo disso, ela ainda brinca dizendo que mesmo tendo muito dinheiro jamais tirariam dela a humildade, fazendo uma analogia breve às suas raízes do interior, sugerindo que a fama não a impediria de reconhecer suas origens e entender que sua caminhada é, antes de tudo, política.

Analisando com precisão os segundos que antecedem o final do vídeo, será possível identificar a violência urbana sendo exercida pelos policiais estadunidenses em corpos negros e marginalizados. Por se tratar de cenas violentas demais, a estratégia foi de traçar várias fileiras com PMs em posição de ataque, mirando olhares impassíveis para uma criança que se encontra de pé. A genialidade está em entender que mesmo sem existir uma imagem de agressão, o público compreende perfeitamente do que está se tratando. Isto só é possível por se tratar de um mecanismo de comunicação – de emissor para receptor.

Curiosamente (ou não), toda a direção de imagem do projeto guiará quem assiste a se sentir desconfortável e com a impressão de estarem sendo vigiados por algo não identificável, não se pode, de maneira alguma, pensar que tal elemento está ali por acaso, há como princípio condutor o viés de que sempre associam a presença de pessoas pretas em espaços públicos ou privados como algo a ser temido e com desconfiança. Por isto, a analogia das câmeras, levando quem está em 3ª

11 Tradução livre: “Gosto do cabelo da minha pequena herdeira com baby hair e black power / Gosto do meu nariz de negro com as narinas dos Jackson Five / Ganhei todo esse dinheiro, mas eles nunca vão tirar meu lado interiorano de mim / Tenho molho de pimenta na minha bolsa, estilo!”



peessoa a se ver pela ótica do opressor, semiótica, revelando um significado através de um signo, nesse caso, a posição das câmeras.

O Influencer¹² Spartakus Santiago (Santiago, 2023) – 29 anos de idade –, em seu canal no YouTube¹³, trouxe algumas pontuações muito pertinentes sobre a obra em questão, a começar pela fotografia que indicará o olhar de quem assiste a se imagina por detrás das lentes de câmeras de segurança, posicionando a provocação para a seguinte pergunta: por que essas câmeras só surgem para vigiar as movimentações de pessoas racializadas? A resposta para isto se revela posteriormente quando nos deparamos com a figura de uma criança (preta) dançando perante policiais fortemente armados na frente de uma pichação com os dizeres “Parem de atirar em nós” (Figura 4).

Figura 4 – Muro pichado como forma de protesto em circunstâncias de assuntos políticos



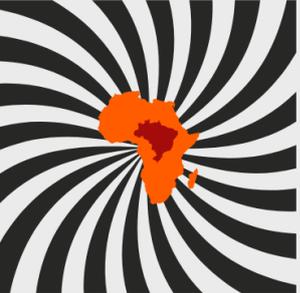
Fonte: Carter, 2016.

Todas estas denúncias apontadas por Beyoncé no videoclipe descrevem as vivências de um grupo desprotegido pelo Estado e socialmente criminalizado, reflexos do Racismo Estrutural (Collins, 2017). Tantos incidentes acabam levando ao mesmo lugar de partida, desde um simples olhar desconfiado até uma agressão que muitas vezes levam estas pessoas à morte, não existindo a falácia de serem casos isolados, é inviável imaginar incidentes assim ocorrendo com pessoas brancas com o mesmo nível de proximidade. À guisa de exemplo o caso de George Floyd (homem negro), agredido e morto por policiais por ser “suspeito demais”¹⁴.

¹² Pessoas responsáveis por usar dentro das redes sociais suas visões/opiniões que julgam necessárias. Esse comportamento gera no coletivo uma certa influência de pensamento, a depender do assunto.

¹³ SANTIAGO, Spartakus. O significado de Formation (Beyoncé – Lemonade) | Spartakus Santiago. 1 vídeo (18min). Disponível em: <https://youtu.be/0dUQY3JRy0?si=4acvWDf2vmMeuUYT>. Acesso em: 09 ago. 2023.

¹⁴ O crime aconteceu em 27 de maio de 2020 nos EUA. O ocorrido se tornou um grande simbolismo da luta antirracista em quase todo o mundo, devido a brutalidade com a qual se deu sua morte.



Uma observação a ser feita com base na “figura 4” é relacionada a uma ressignificação do que é pichação¹⁵, serve como grito de socorro para os que tiveram seu direito de manifestação subtraído. Beyoncé faz este paralelo ao reproduzir uma pichação sem necessariamente trazer o aspecto de vandalismo, por exemplo, mas como um protesto significativo da vivência de pessoas periféricas que enfrentam de perto a violência urbana: “Parem de atirar em nós”. Um simbolismo que relaciona a violência policial como frequente nestes espaços.

Dessa maneira, há um código presente nessa dinâmica expositiva que Beyoncé atribuiu a cada cena de “Formation”, sendo ele um aspecto da linguagem responsável por transmitir o núcleo central de todas as ideias. Pudemos perceber isto a partir do uso da Semiótica Social (Záira; Sônia, 2017), sendo ela uma junção de signos e linguagens a favor de uma perspectiva real e que diz respeito a vivências, não a ficções.

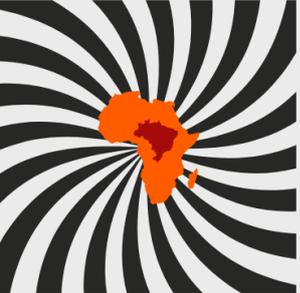
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, as reflexões edificantes de pensamento crítico a partir de conjecturas guiadas por estudos capazes de atuar sobre a realidade. Um destes exemplos revela que a comunicação segue sendo o principal meio de tocar esferas do preconceito e de longos processos de apagamento histórico que quase nunca tiveram suas faces expostas. A função desta exposição da comunicação anuncia à sociedade quais negativas precisam ser repensadas para depois reformuladas.

A metodologia adotada na presente pesquisa se baseou em situar o momento histórico que Beyoncé atualmente se encontra, isto é, retratando quais são as causas políticas que ela defende e o motivo por trás de cada posicionamento, costurando-o ao método artístico-simbólico manuseado para narrar de perto tais questões – ou seja, a constituição do videoclipe “Formation”, resultando em um produto feito para se comunicar com o receptor, levantando material social o suficiente para que individualmente haja um impacto, estimulando a reflexão.

Esta tem sido uma ferramenta utilizada por diversos artistas que buscaram dentro de seus respectivos tempos denunciar as opressões que os impediam de viver dignamente, a população, por sua vez, se espelhava nessas narrativas para manterem-se esperançosas perante as dificuldades. No Brasil, nomes como Renato Russo e até mesmo Belchior, foram grandes cantores e compositores que jamais se calaram com as opressões acometidas pelo Estado, que na época estava

¹⁵ Importante destacar que as pichações são associadas como práticas criminosas de pessoas pretas. Ao reproduzir no vídeo, o ato adquiri um tom de acusação para qual sistema de fato move tantos crimes.



sob o Regime Militar suas composições, por sua vez, ecoavam uma resistência simbólica que não se perdeu em meio as ações impetuosas do tempo.

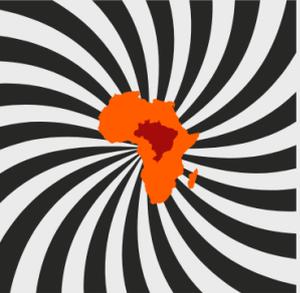
Tal qual como apresentado em um verso da canção “Okay, ladies, now let’s get in formation” (“Okay, garotas, agora vamos entrar em formação”, do português), a mensagem é clara, não se pode encaminhar uma luta a favor dos direitos de existência sem compreender com nitidez que é o inimigo, e isto Beyoncé expressa em sua produção em questão. O método usado para a promoção de lutas antirracistas e a favor da equidade gênero se linca à ótica da artista em usar sua voz, de influência mundial, para levantar pautas tão complexas de serem debatidas e, mais ainda, tão incômodas aos conservadores.

A cultura Pop é cheia de artistas que seguem uma receita de produção musical e audiovisual, sempre almejando pelo sucesso nas rádios. Quanto mais embranquecido, sem conteúdo político ou músicas sem a presença de repertório social, melhor para o público. Até mesmo o consumo desses produtos segue a mesma metodologia, sempre tão repetido/igual, sempre com a mesma melodia e com as letras das composições indo para a mesma direção. Sem contar no público que quase sempre não percebe a necessidade de desenvolver senso crítico a partir dessas obras.

Nesse contexto, romper com a bolha da cultura Pop é um processo que poucos conseguem com êxito. “Formation” é, sem sombra de dúvidas, um rompimento da bolha, com tanta riqueza de detalhes cinematográficos que colabora para construção de senso crítico daqueles que consomem, e talvez assim propiciar imaginar uma nova construção de uma sociedade menos racista e machista.

Pode-se ter, inclusive, uma dúvida quanto a credibilidade de uma artista norte-americana em usar seus referenciais teóricos em outras regiões para além de seu país, que involuntariamente possuem suas vertentes e historicidades variadas do Racismo e o tratamento que o gênero feminino irá receber. Entretanto, independente da nacionalidade, o sistema perpetua a opressão, comprometendo a qualidade de vida das minorias e, em casos extremos, ameaçando sua própria existência.

A luta pela equidade de gênero e raça só é eficaz quando realizada coletivamente, com preparação e união. A história mostra que o sucesso das lutas sociais depende da aliança dos grupos afetados, que se reúnem para reivindicar seus direitos e ressignificar suas existências.



REFERÊNCIAS

CARTER, Beyoncé Giselle Knowles. **Formation - (Official Video)**, 2016. 1 vídeo (4min). Disponível em: https://youtu.be/WDZJPJV__bQ?si=QDje6xtFiDsOyeq4. Acesso em: 09 ago. 2023.

COIMBRA, I. G.; BRAGA, V. G.; CAVALCANTE, C. L. **Semiótica da Cultura: Análise do clipe “formation” da cantora Beyoncé**. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Fortaleza - CE – 29/06 a 01/07/2017.

COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. **Cadernos Pagu** (51), 2017.

COSTA, Claudio F. **O que é ‘arte?’**. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n.6, p. 194-199, abr. 2009.

LERNER, Gerder. **A criação do Patriarcado: História de opressão das mulheres pelos homens**. 11 de março de 2021, editora Pensamento.

MATEUS, S. **Okay, ladies, now let’s get in formation: o dia em que Beyoncé pautou questões raciais no Super Bowl 50**. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Caruaru - PE – 07 a 09/07/2016*.

SANTIAGO, Spartakus. **O significado de Formation (Beyoncé - Lemonade) | Spartakus Santiago**. 1 vídeo (18min). Disponível em: <https://youtu.be/0dUQY3JRry0?si=4acvWdf2vmMeuUYT>. Acesso em: 09 ago. 2023.

SANTOS, Zaíra; PIMENTA, Sônia. **Da semiótica social à multimodalidade: A orquestração de significados**. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v.12, n.2, 2014, p. 295-324.

Enviado em: 28/06/2024

Aceito em: 20/02/2025